Variação em categorias verbais: correlações entre forma e função

(Variation in verbal categories: form and function correlations)

Raquel Meister Ko. Freitag[1]

[1]Departamento de Letras – Universidade Federal de Sergipe (UFS)

rkofreitag@uol.com.br

Abstract: In this study, we present methodological reflections on the variation of verbal and directional categories in Portuguese: form > function and function > form, based on the semantic-discursive approach for the past tense.

Keywords: verbal categories; tense; aspect; modality.

Resumo: Neste texto apresentam-se reflexões metodológicas para tratar da variação em categorias verbais do português e os direcionais forma > função e função > forma, a partir do recorte semântico-discursivo da expressão do tempo passado.

Palavras-chave: categoriais verbais; tempo; aspecto; modalidade.

Introdução[1]

A codificação linguística dos tempos verbais do português é caracterizada por uma grande diversidade, tanto formal quanto funcional, o que pode ser observado, por exemplo, nas prescrições normativas. Entretanto, para sistematizar essa diversidade de usos, fazem-se necessárias reflexões e tomadas de decisão metodológica.[2] Assim, antes de ir a campo, e observar a diversidade e recorrência dos tempos verbais do português, é preciso definir o que são categorias verbais em termos de forma e em termos de função/domínio funcional, bem como tentar estabelecer a correlação entre ambas. Em uma abordagem funcionalista, tal correlação perpassa pelo princípio da iconicidade (GIVÓN, 1995): é premissa do funcionalismo que a estrutura da língua reflete, de alguma maneira, a estrutura da experiência humana, as relações estabelecidas entre mundo e falante, que, numa relação isomórfica ideal de um para um, ou seja, uma forma para uma função (BOLINGER, 1977).

Mas, no português, a relação isomórfica é quebrada; motivações em competição fazem com que uma mesma forma verbal desempenhe diferentes funções, assim como diferentes funções podem ser desempenhadas por uma mesma forma. Assim, neste texto, primeiramente são apresentadas reflexões metodológicas para lidar com a diversidade de usos – variação – entre categorias verbais do português, ponderando as implicações dos direcionais de análise *forma > função* e *função > forma*, com o cotejamento de resultados de alguns estudos. Em um segundo momento, a partir do recorte semântico-discursivo

[1] Este texto apresenta as diretrizes metodológicas adotadas no projeto "Variação na expressão do tempo verbal passado na fala e escrita de Itabaiana/SE: funções e formas concorrentes", financiado pela FAPITEC (Edital FAPITEC/FUNTEC-SE Universal 06/2009 Processo n. 019.203.00910/2009-0) e CNPq (Edital MCT/CNPq/MEC/CAPES 02/2010 - Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas Processo n. 401564/2010-0)

[2] Questões metodológicas relacionadas à variação foram objeto de reflexão em Freitag (2009).

estabelecido – a expressão do tempo passado –, são mostradas as possibilidades de variação neste domínio funcional, correlacionando funções e formas, com comportamento morfossintático e semântico-discursivo distintos.

Forma, função e iconicidade

Como dissemos, a abordagem proposta para esse fenômeno é funcionalista. Partimos de uma função, a de "expressão do tempo passado". Também dissemos que um dos pressupostos do funcionalismo é que a estrutura da língua reflete, de algum modo, a estrutura da experiência, isto é, a estrutura do mundo, incluindo a perspectiva imposta ao mundo pelo falante. Decorre desse pressuposto a relação natural entre forma e função, denominada de *iconicidade* (BOLINGER, 1977, GIVÓN, 1995). A relação de um para um entre forma e função, no entanto, seria aquilo que se denomina versão forte do princípio da iconicidade. Na versão mais branda, admite-se que pode haver opacização entre codificação e função desempenhada, ou seja, perda de transparência, abrindo uma brecha para a variação.

Para Givón (1995), a correlação idealizada entre forma e função é "superestendida". É preciso admitir a existência de arbitrariedade na codificação linguística, uma vez que a iconicidade do código linguístico está sujeita a pressões diacrônicas corrosivas tanto na forma (código/estrutura) quanto na função (mensagem). O código sofre constante erosão provocada pelo atrito fonológico, e a mensagem sofre alterações em virtude da elaboração criativa do falante. Essas pressões geram ambiguidades: quanto ao código, verifica-se a correlação entre uma forma e várias funções (polissemia); quanto à mensagem, observa-se a correlação entre várias formas e uma função (variação). Para lidar com o fato de duas ou mais formas, potencialmente, poderem desempenhar a mesma função, é preciso ainda considerar: (i) a noção laboviana de "mesmo significado" (LABOV, 2008 [1972]) estendida para a "mesma função"; (ii) a noção de "domínio funcional" (GIVÓN, 1984), e (iii) o controle de fatores/matizes semântico-pragmáticos, com a análise dos componentes salientes do domínio funcional complexo tempo-aspecto-modalidade (GIVÓN, 1995). Assim, na versão forte, duas formas não podem desempenhar a mesma função semântico-discursiva de expressão do passado. Na versão branda, entretanto, que é a adotada, admite-se a perda de transparência – decorrente de um processo de gramaticalização – e a possibilidade de variação.

Na perspectiva funcionalista, tem-se articulado a abordagem variacionista e a abordagem da *gramaticalização* focando as relações entre funções e formas, decorrentes de pressões linguísticas e sociais, com destaque para a história e a coexistência de diferentes formas, situação de *estratificação*/*variação* (HOPPER, 1991), descrita em Naro e Braga (2001). Esta interface tem sido denominada de *sociofuncionalismo* (TAVARES, 2003; LIMA-HERNANDES, 2005). Resumidamente, na abordagem sociofuncionalista, as funções gramaticais são determinadas pelo uso. A gramática é emergente, sujeita a constantes mudanças decorrentes do uso dos falantes. O enfoque da abordagem está nas relações entre funções e formas, resultantes de pressões linguísticas e sociais, com destaque para a história e a coexistência de diferentes formas, situação de *estratificação/variação* (HOPPER, 1991). Existem *estágios de gramaticalização*, pressupondo que a estratificação/variação decorre do percurso de gramaticalização.

Diante desse quadro, a análise da variação em categorias verbais pode se dar em duas perspectivas. No primeiro caso, formas são o ponto de partida a partir do qual são

investigadas as suas funções. Por exemplo, quais as funções que a forma de pretérito imperfeito pode desempenhar no português? A expressão do passado imperfectivo é uma delas, juntamente com o imperfeito de cortesia, o imperfeito com valor de futuro do pretérito, hipocoristo, situação de faz-de-conta (TRAVAGLIA, 1987). E, no segundo caso, o ponto de partida são funções comunicativas: quais são as potenciais formas de que um falante pode se valer para realizar determinada função comunicativa? Como os falantes utilizam-nas na interação (recurso estilístico)?

Se tomarmos por base uma função semântico-discursiva – a de expressão do tempo passado –, verificamos que esta pode ser desempenhada por formas variantes com matizes de significado. Vejamos a metodologia de análise para a expressão do passado imperfectivo (FREITAG, 2007): o procedimento adotado para a análise do pretérito imperfeito do indicativo é da *forma > função* e da *função > forma*.

O passado imperfectivo é um valor semântico-discursivo que se caracteriza por expressar uma situação que apresenta as seguintes propriedades: é anterior ao momento da enunciação; é concomitante a outra situação que se torna seu ponto de referência; e apresenta-se como em andamento em relação ao ponto de referência. No português, duas formas podem expressar esta função.

(01) inclusive conversei com alguns amigos meus que trabalham no escritório tal tudo e me ajudaram só a firmar mesmo... que o curso era aquilo mesmo que eu já ***estava esperando*** já não foi surpresa não porque eu já sabia... o que o que eu ia ter pela frente (...). (se ita mb lq 01)[3]

Em (01), ***estava esperando***, forma perifrástica constituída por ***estar***IMP + V***ndo*** (PPROG) refere-se a uma situação passada que é apresentada como em curso, função semântico-discursiva do passado imperfectivo (FREITAG, 2007). Aparentemente, a forma pode ser intercambiada sem que haja mudança no valor de uso, como em (02), em que a forma de pretérito imperfeito (IMP) codifica o mesmo valor semântico-discursivo.

(02) inclusive conversei com alguns amigos meus que trabalham no escritório tal tudo e me ajudaram só a firmar mesmo... que o curso era aquilo mesmo que eu já ***esperava*** já não foi surpresa não porque eu já sabia... o que o que eu ia ter pela frente (...).

Primeiramente, foram recortadas as formas IMP e PPROG do paradigma verbal do português, as quais desempenham diferentes funções temporais, aspectuais e de modalidade. E, no segundo momento, foram selecionadas as funções em que IMP e PPROG se superpõem no paradigma verbal, as quais podem ser vistas como diferentes graus da expressão do passado imperfectivo: progressivo, iterativo e habitual (veremos na seção 3). Formalmente, por pretérito imperfeito do indicativo entende-se a desinência modo-temporal *-va*, recorrente em todos os verbos regulares da 1ª conjugação (terminados em *-ar*), como em *cantava*, *brincavam*, *amávamos*; *-ia*, recorrente nos verbos regulares da 2ª e da 3ª conjugações (terminados em *-er* e *-ir*), como em *faziam*, *comia*, *saíamos*; e as alomorfias dos verbos

[3] Os dados que ilustram a exposição foram retirados da amostra Entrevistas Sociolinguísticas, que compõe o *corpus* do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade – GELINS. A sigla refere-se à identificação da entrevista. As duas primeiras letras referem-se ao estado (Sergipe) e as três letras seguintes à cidade (Itabaiana). A sigla seguinte informa o sexo do informante (F para feminino e M para masculino), a faixa etária (P para 16 a 20 anos e B para 26 a 35 anos), tempo de escolarização (S para nível superior completo e B para nível superior incompleto) e tipo de registro (Q para a fala e E para escrita). Os números referem-se à identificação do informante.

irregulares, como o verbo *ser*, ao qual não se pode afixar *-ia* para formar o pretérito imperfeito do indicativo, pois há o alomorfe *era*. O mesmo ocorre com o verbo *ter* e derivados (*manter*, *deter*, etc.), *pôr* e derivados (*compor*, *repor*, etc.) e demais verbos irregulares.

Feitas as restrições formais, é preciso definir os traços semântico-discursivos associados às categorias verbais; adentramos, então, no domínio funcional complexo tempo-aspecto--modalidade. (GIVÓN, 1995)

Tempo, aspecto e modalidade

Domínio funcional é o escopo de atuação de uma dada função desempenhada por uma (ou mais) dada forma em uma dada língua. O termo "domínio funcional" foi postulado por Givón (1984), e costuma ser evocado frequentemente em estudos funcionalistas da língua. Hopper (1991, p. 22-23), ao tratar de gramaticalização, define o termo como alguma área funcional (tempo, aspecto, modalidade, caso, referência) que frequentemente se torna gramaticalizada (no sentido de entrar na gramática da língua).

Componentes universais das línguas (BYBEE; PERKINGS; PAGLIUCA, 1994), tempo, aspecto e modalidade são categorias que interagem entre si, formando um domínio funcional complexo (GIVÓN, 1984; 1995). A complexidade desse domínio funcional decorre do fato de as fronteiras entre cada um dos subcomponentes nem sempre serem claras e precisas, impossibilitando a dissociação, na prática, de um componente do outro. Givón (1995) situa a categoria tempo como o eixo articulador do domínio funcional complexo tempo-aspecto-modalidade, embora ressalte a necessidade de tratamento independente para cada um dos componentes. Vejamos a definição de cada um.[4]

A noção de tempo refere-se à ordenação de eventos (experiências) sob a forma de pontos e intervalos em uma sequência. É uma noção que se apoia em Reichenbach (1947), para quem os tempos verbais são determinados pela ordenação do momento da situação em relação ao momento de referência e ao momento do ato de fala de um dado enunciado. Denomine-se momento da fala ao momento da enunciação. A partir da definição desse ponto, é possível estabelecer três relações temporais básicas: antes do momento de fala, simultâneo ao momento da fala e posterior ao momento da fala. A fixação de apenas um momento fornece somente três relações temporais. Na proposta de Reichenbach, a expressão do tempo verbal está relacionada a mais dois parâmetros, cujas posições podem ser determinadas a partir do momento da fala: o momento da situação e o momento da referência. O momento da situação é o momento em que a situação ocorre; o momento da referência é um momento que serve como parâmetro – uma referência temporal – para

[4] A noção givioniana de que o tempo é o eixo articulador do domínio tempo-aspecto-modalidade pode ser vista sob outra perspectiva (COAN, 2003; COAN; BACK; REIS; FREITAG, 2006), uma vez que os componentes aspecto e modalidade, bem como tempo, apresentam em comum não a noção de temporalidade, mas de referência: o tempo é articulado em função de um momento de referência; a noção de aspecto (perfectividade/imperfectividade) pode ser vista como a (im)possibilidade de se determinar o intervalo de referência a que se referem os eventos; quanto à modalidade, os juízos de valor são estabelecidos em função de um intervalo de referência. A referência, também, compõe a significação dos tempos verbais. Em termos de economia descritiva, é pertinente considerar a referência como uma categoria, possivelmente não no mesmo nível hierárquico que as categorias de tempo, aspecto e modalidade, já que nem sempre se manifesta por meio de uma forma específica. Há que se considerar, porém, que o conceito de *ponto de referência* já vem embutido no pacote teórico de Reichenbach (1947), ou seja, ao optar por esse modelo para discutir a categoria tempo verbal, a noção de ponto de referência como componente do tempo verbal é assumida.

determinar o momento da situação, estabelecido em relação momento da fala. Quando não há referência temporal contextualmente explícita, o momento da fala torna-se o momento da referência.

Enquanto a categoria gramatical tempo é responsável pela constituição temporal externa, uma vez que estabelece relações com o momento de fala e pontos de referência, a categoria gramatical *aspecto* costuma designar os diferentes modos de perceber a constituição temporal *interna* de uma situação (COMRIE, 1976). A noção de aspecto envolve a ideia de configuração interna do tempo em eventos (estado inicial, medial, final; evento apresentado como perfectivo/fechado ou imperfectivo; aberto, entre outras possibilidades).

O aspecto perfectivo é caracterizado pela perspectiva global da situação, que é expressa fechada, formando uma unidade ou conjunto, do qual não interessa referir a sua constituição interna. Já o aspecto imperfectivo expressa diferentes nuanças da temporalidade interna: que se desenrola (cursivo), ou selecionando fases do tempo interno (inicial, medial, final), ou expressando estados resultativos, dentre outras possibilidades. O aspecto imperfectivo não identifica os pontos inicial ou final da situação, mas focaliza o seu desenvolvimento, em contraponto ao perfectivo, que enfatiza os pontos inicial ou final.

A modalidade costuma ser definida como a gramaticalização das atitudes do falante em relação ao conteúdo proposicional. É possível reconhecer uma categoria gramatical (a modalidade) que é semelhante ao tempo, aspecto, número e gênero. Givón (1995) divide a modalidade em epistêmica, que está relacionada à verdade, crença, probabilidade, certeza e evidência; ou deôntica, relacionada à preferência, desejo, intenção, habilidade, obrigação e manipulação.

As modalidades epistêmicas da tradição lógica aristotélica, segundo Givón, teriam equivalentes comunicativos: à verdade necessária da tradição lógica corresponde o equivalente comunicativo da *pressuposição*; à verdade factual, a asserção *realis*; à verdade possível, a asserção *irrealis*; e à não-verdade, a asserção *negativa*. A redefinição comunicativa para as modalidades epistêmicas da tradição clássica concebe a pressuposição como uma proposição assumida como sendo verdadeira por concordância anterior, convenção cultural, ou obviedade a todos os presentes na situação de fala. A asserção *realis* toma uma proposição fortemente assertada como sendo verdadeira. A asserção *irrealis* tem uma proposição fortemente assertada como sendo possível, provável ou incerta. A asserção negativa toma a proposição fortemente assertada como sendo falsa, mais comumente em contradição com a crença explícita ou assumida pelo ouvinte.

A noção de realidade/factualidade remete à existência factual em algum tempo real (verdadeiro), ou a não-existência em um tempo real (falso) ou, ainda, à existência potencial em um tempo (possível), o que configura as possibilidades: i) a situação é fato; ii) a situação não é fato, mas tem grande probabilidade de sê-lo; e iii) a situação não é fato, e nunca vai sê-lo.

O arranjo dos traços de tempo-aspecto-modalidade é responsável pela codificação de diferentes funções desempenhadas pelas categorias verbais. Vejamos, a seguir, resultados de alguns estudos que partem dessa premissa.

Variação nas categorias verbais do português

Assumindo a premissa de Givón (1984; 1995) de que a categoria tempo é o eixo articulador do domínio funcional complexo tempo-aspecto-modalidade, os tempos verbais que expressam passado no português podem ser definidos em função do arranjo temporal específico, como sugere Corôa (2005, p. 11-12), que baseada em Reichenbach (1947), define os tempos verbais passados do português em função da articulação do momento do evento (ME), momento da fala (MF) e momento da referência (MR):

> – ME – MR – MF: o ME é anterior ao MR, que, por sua vez, é anterior ao MF, valor temporal prototipicamente associado ao pretérito mais-que-perfeito;
>
> – ME,MR – MF: o ME é simultâneo ao MR e ambos são anteriores ao MF, valor temporal prototipicamente associado ao pretérito imperfeito;
>
> – ME – MF, MR: o ME é anterior ao MF e este simultâneo ao MR, valor temporal prototipicamente associado ao pretérito perfeito.

Estudos variacionistas, contrapondo a forma às funções que podem desempenhar, têm definido comportamentos sintáticos e semântico-discursivos para as formas, tais como os de Costa (1997), Coan (1997), Silva (1998), Karam (2000), Freitag (2007) e Barbosa (2008), os quais analisam categorias verbais relacionadas à expressão de tempo passado no português. Vejamos.

(03) Ela ***segurou*** um tranco até eu até me reestruturar... até eu conseguir guardar o meu dinheiro depois que eu ***paguei*** todo mundo... (MJ04)

----- Momento do evento----- -----Momento de referência----- ------Momento de fala-----→
SEGUROU PAGUEI

No contexto de (03), a situação de ***segurar*** é anterior à situação de ***pagar***, configurando um tempo de passado anterior (pretérito mais-que-perfeito). Veja-se que a forma ***segurou*** pode ser intercambiada com ***tinha segurado*** (forma de pretérito mais-que-perfeito composto), delineando um contexto de variação, como descrito por Coan (1997). Já a situação de "pagar" é anterior ao momento da fala, configurando um tempo de passado simples (pretérito perfeito).

(04) Graças a Deus por sorte num sei... ia chegando o carro do... do... da funerária... até a funerária de um:: de um rapaz conhecido aqui de Itabaiana... pra pegar um senhor que ***tinha falecido*** e ele... não:: não hesitou em me ajudar não. (FA01)

Essa mesma relação em (04) também pode ser codificada pela forma de pretérito perfeito simples do indicativo ***faleceu***. Trata-se de um contexto de variação, em que uma função – a expressão de uma situação de passado anterior – pode ser expressa por duas ou mais formas (pretérito mais-que-perfeito composto (forma canônica) ou pretérito perfeito).

O estudo de Coan (1997) evidencia que os usos variáveis dos pretéritos mais-que-perfeito composto e pretérito perfeito na expressão da anterioridade a um ponto de referência passado estão condicionados por fatores de natureza linguística: semântico-discursivos e morfossintáticos. Em relação à situação, quando é mais dinâmica, favorece

o aparecimento do pretérito mais-que-perfeito, preferencialmente com formas verbais regulares, com a presença dos advérbios *já* e *nunca* e com formas de pretérito imperfeito precedentes. Por outro lado, quando a situação é menos dinâmica, codificada por verbo irregular, associada a advérbio temporal e precedida de formas no pretérito perfeito, aparece o pretérito perfeito para indicar o passado anterior. Quando o ponto de referência apresenta o traço mais durativo e é codificado por uma forma que indica tempo relativo, aparece o pretérito mais-que-perfeito para delimitar a anterioridade da situação em relação a seu ponto de referência, por natureza estendido. Por outro lado, ponto de referência menos durativo é temporalmente delimitado, logo não há necessidade de marcar a situação, assim o pretérito perfeito tende a ocorrer. Entre dado variável e ponto de referência, as relações semântico-sintáticas de *encadeamento e complementação* favorecem o aparecimento do pretérito mais-que-perfeito. Já relações do tipo *modificação* e *causalidade* favorecem o pretérito perfeito.

No domínio funcional do tempo verbal, especificamente nas relações de anterioridade, encontramos diferentes contextos de variação em que uma função pode ser codificada por mais de uma forma, ao passo que uma forma pode codificar mais de uma função. Embora o paradigma verbal preveja uma forma simples e uma forma composta para o pretérito perfeito, a intercambialidade entre ***pagou*** e ***tem pago***, no contexto de (3), não conserva o mesmo valor temporal, indo para o campo do aspecto, o que nos leva à necessidade de ampliar o conjunto de traços para explicar a expressão do passado no português.

Barbosa (2008) propõe uma caracterização semântica do pretérito perfeito simples e composto, em função do arranjo dos traços de tempo, aspecto e modalidade. Temporalmente, as formas apresentam a mesma definição (ME – MF, MR), ou seja, as formas simples e composta do pretérito perfeito expressam tempo passado. As diferenças de uso desses dois tempos estão relacionadas ao traço aspectual: a forma de pretérito perfeito composto gramaticaliza tempo pretérito somado ao aspecto quantificacional, sendo utilizado quando se quer exprimir a pluralidade de eventos; por seu caráter quantificacional, genérico e indefinido, é incompatível com períodos delimitados. Essas são as propriedades, segundo Barbosa (2008) que distinguem as duas formas verbais do pretérito perfeito, e não as suas propriedades temporais. O pretérito perfeito composto não pode ser empregado com adjuntos de passado por conta do seu valor indefinido, que é incompatível com intervalos de tempo fechados, e não porque as situações que expressa se prolongam até o momento presente ou mesmo o ultrapassam. Barbosa (2008) explica o baixo emprego do pretérito perfeito composto em relação pretérito perfeito simples na expressão de valor temporal pelo fato de o pretérito perfeito simples ser menos determinado do ponto de vista semântico; o pretérito perfeito composto está mais sujeito a restrições de ordem semântico-discursiva, sendo utilizado em contextos em que o falante quer expressar eventos plurais indefinidos e genéricos, noções semânticas relacionadas ao domínio do aspecto.

Como vimos anteriormente, na variação entre a forma de pretérito imperfeito do indicativo e a forma progressiva na expressão de passado imperfectivo (FREITAG, 2007), a função é caracterizada temporalmente pela relação de ordenação e sobreposição, e aspectualmente, pela relação de inclusão.

(05) ela chora muito as mágoas... pra desabafar tudo que ela ***estava sentido*** que não ***aguentava*** muitas vezes... sentida com as traições... (FA03)

----- Momento do evento----- ------Momento de fala-----→
ESTAVA SENTINDO

-----Momento de referência-----
AGUENTAVA

No contexto de (05), as situações de ***estava sentido*** e de ***aguentava*** são anteriores ao momento de fala e simultâneas no passado, configurando um tempo verbal de passado concomitante (pretérito imperfeito). Veja-se que, no contexto de (05), a forma ***estava sentindo*** pode ser intercambiada por ***sentia***, e ***aguentava*** por ***estava aguentando***, sem que o valor semântico-discursivo de passado concomitante seja alterado, delineando um contexto de variação, como descrito por Freitag (2007). As formas carregam, no contexto de (05), não só informação temporal, mas também informação aspectual, uma vez que a situação pode ser vista como "em curso", em andamento, ou, nos termos de Comrie (1976), sem que os pontos final e inicial da situação sejam delimitados, o que configura o aspecto imperfectivo. A indissociabilidade dos valores temporal e aspectual permite que se rotule o valor de passado imperfectivo (FREITAG, 2007). Quando queremos expressar que uma situação passada está em curso, podemos fazer uso da forma de pretérito imperfeito (***chegava***), ou então de formas perifrásticas como ***estava chegando***, ou ainda ***ia chegando***, tal como em (06):

(06) Graças a Deus por sorte não sei... ***ia chegando*** o carro do... do... da funerária. (MJ02)

Trata-se de um contexto de variação, em que uma função – a expressão de uma situação de passado em curso – pode ser expressa por duas ou mais formas (pretérito imperfeito (forma canônica) ou perífrase. Em relação ao tempo, o passado imperfectivo refere-se a uma situação anterior ao momento de fala e simultânea ao ponto de referência, também anterior, daí a noção de passado. Em relação ao aspecto, o passado imperfectivo refere-se a uma situação cujo intervalo inclui o ponto de referência, o que manifesta o andamento da situação em relação à referência, daí a noção de imperfectividade. No domínio da imperfectividade, o passado imperfectivo recobre valores que vão desde o progressivo até o habitual, passando pelo durativo, iterativo e por casos de ambiguidade aspectual (imperfectivo genérico, valor em que a especificidade aspectual não é não relevante nem para o falante nem para o ouvinte). Em suma, para expressar a função de passado imperfectivo, o português dispõe de duas formas: o morfema de pretérito imperfeito e a forma perifrástica de gerúndio. Ambas as formas desempenham a mesma função semântico--discursiva, funcionando como variantes de uma mesma variável linguística. Entretanto, cada forma tem contextos de recorrência específicos. A forma de pretérito imperfeito está relacionada à expressão dos aspectos habitual e iterativo, predicados [- dinâmicos], situações longas, de polaridade negativa e ponto de referência imperfectivo. A forma perifrástica de gerúndio está relacionada à expressão do aspecto progressivo, predicados [+ dinâmicos], situações instantâneas e curtas, de polaridade positiva e ponto de referência perfectivo. A polarização entre formas e contextos de recorrência é consequência das trajetórias de gramaticalização pelas quais passam as formas de pretérito imperfeito e a forma perifrástica de gerúndio. Socialmente, a variação na expressão do passado imperfectivo está relacionada com a gradação etária dos informantes.

Além das formas vistas até então, podemos incluir o futuro do pretérito, que, de acordo com Corôa (2005, p. 11), é assim definido:

– MR – MF – ME: o MR é anterior ao MF, que é anterior ao ME, valor temporal prototipicamente associado ao futuro do pretérito.

Na definição do futuro do pretérito, o ME é posterior ao MF porque o evento é previsto como futuro a partir de uma perspectiva passada; como essa possibilidade é contemplada a partir de um sistema de referência que se coloca antes da enunciação, o MR é anterior ao MF.

(07) Foi que:: a lanchonete ficava aberta de cinco da manhã:: ... até::... quase vinte e quatro horas dezoito dezenove horas vinte horas ficava quer dizer nenhum organismo aguenta né? ficar vinte horas acordado... ... minha mãe tem os negócios dela minha irmã:: dava aula e fazia faculdade ... e ficou quem ***ia colocar*** pra que -- meu pai é funcionário publico tem horário a ser cumprido... e eu não tinha ninguém pra deixar no lugar ... uma hora eu ***ia ter*** que descansar né? ... e por ser jovem eu queria do lazer ... também natural e os dias que que mais vendia ::eu queria ir pra festa ... (MJ04)

----- Momento da referência----- -----Momento da fala ----- ------Momento do evento -----→
IA COLOCAR/IA TER

No contexto de (07), as situações de ***ia colocar*** e ***ia ter*** são vistas como um "futuro do passado", configurando, do ponto de vista temporal, o futuro do pretérito. As formas perifrásticas formadas por IR + infinitivo podem ser intercambiadas com as formas canônicas: ***ia colocar***/***colocaria*** e ***ia ter***/***teria***, delineando, novamente, um contexto de variação, como descrito por Costa (1997), Karam (2000), Silva (1998), entre outros. A intercambialidade pode ocorrer, ainda, com a forma de pretérito imperfeito, com ***colocava*** e ***tinha***.

(08) Eu tinha um sonho na época de ou eu ***comprava*** telefone que tinha ... ou eu ***morria***... sonho- sonho de consumista (FJ01)

----- Momento da referência----- -----Momento da fala ----- ------Momento do evento -----→
COMPRAVA/MORRIA

Em (08), as formas ***comprava*** e ***morria*** podem ser intercambiadas com ***compraria***/***ia comprar*** e ***morreria***/***ia morrer***. Nesse contexto, podemos observar que o valor mais saliente não é o valor temporal, mas sim o valor de modalidade da situação, ou seja, a noção de realidade/factualidade: a situação não é fato, mas tem grande probabilidade de sê-lo, ou a situação não é fato, e nunca vai sê-lo.

Costa (1997) analisa a variação entre formas de futuro do pretérito (*-ria* e *ia + infinitivo*) e de pretérito imperfeito em amostras orais e escritas do falar carioca. Os resultados apontam para a influência do tipo de sequência discursiva na escolha das formas: pretérito imperfeito tende a ser utilizado em contextos narrativos, ainda que significando *irrealis*, enquanto o futuro do pretérito tende a ser utilizado em contextos argumentativos. Silva (1998) ressalta que a variação entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito já é prevista por algumas gramáticas normativas nos contextos: (i) o uso do imperfeito pelo futuro do pretérito indicando certeza sobre os fatos futuros; (ii) o futuro do pretérito pelo imperfeito marcando incerteza sobre fatos passados; e (iii) o uso de uma dessas formas pelo presente indicando polidez. Porém, na fala, a variação não se dá dessa forma. Karam (2000) discute a variação entre pretérito imperfeito e o futuro do pretérito, e também da perífrase *ir + infinitivo*. A análise dos dados aponta que: (i) a *modalidade* é importante condicionante no

uso da regra variável, com o fator *extremo epistêmico* favorecendo o uso de perífrase, que indica mais futuridade; (ii) o uso do 'futuro do pretérito' inibe o uso de formas similares nas orações subsequentes; e (iii) quando a referência e o evento estão no passado, a forma verbal de pretérito imperfeito favorecida.

Os estudos variacionistas apresentados, os quais partem de uma função que pode ser expressa por duas ou mais formas – especialmente no que se refere à expressão do tempo passado –, mostram que as combinações de traços de tempo-aspecto-modalidade tendem a ser recorrentes e a se associarem a certas formas verbais.

Considerações finais

A investigação da variação em categorias verbais requer tomadas de decisão metodológica por parte do analista, dado que uma mesma caracterização semântico-discursiva pode ser expressa por diferentes formas, assim como uma mesma forma pode ser associada a diferentes caracterizações semântico-discursivas. A caracterização por meio de traços de tempo, aspecto e modalidade proposta para a expressão do tempo passado, considerando as diferentes formas de expressão (pretérito perfeito, imperfeito, mais-que-perfeito e futuro do pretérito, simples, compostos e perifrásticos), e as diferentes nuanças de significado em função da saliência de dado valor em função do contexto, pode auxiliar na explicação de algumas questões inerentes ao processo de variação e mudança linguística.

Assim, considerando os estudos variacionistas determinados a partir de uma função que é expressa por duas ou mais formas – especialmente no que se refere à expressão do tempo passado –, constata-se a necessidade de um estudo global da ocorrência dessas formas contrapostas aos traços de tempo-aspecto-modalidade que as caracterizam, a fim de evidenciar padrões distributivos e efeitos de frequência. Há trabalho a fazer, mas que necessita, primeiramente, desta reflexão metodológica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Juliana Bertucci. *Tenho feito/fiz a tese*: uma proposta de caracterização do Pretérito Perfeito no Português. 2008. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara.

BOLINGER, Dwigth. *Meaning and form*. London: Longman, 1977.

BYBEE, Joan; PERKINGS, Revere; PAGLIUCA, William. *The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the language of the world*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

COAN, Márluce. *Anterioridade a um ponto de referência passado*: pretérito (mais que) perfeito. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. *As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito*: correlações entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

COAN, Márluce; BACK, Angela; REIS, Mariléia Silva; FREITAG, Raquel Meister Ko. As categorias verbais tempo, aspecto, modalidade e referência: pressupostos teóricos para uma análise semântico-discursiva. *Estudos Linguísticos*, São Carlos, v. XXXV, p. 1463-1472, 2006.

COMRIE, Bernd. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

CORÔA, Maria Luiza. *O tempo dos verbos do português*: uma introdução à sua interpretação semântica. São Paulo: Parábola, 2005.

COSTA, Ana Lúcia. *A variação entre formas de futuro do pretérito e de pretérito imperfeito no português informal no Rio de Janeiro*. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras/Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FREITAG, Raquel Meister Ko. *A expressão do passado imperfectivo no português: variação/gramaticalização e mudança.* 2007. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. Problemas teórico-metodológicos para o estudo da variação linguística nos níveis gramaticais mais altos. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, p. 115-132, 2009.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.

_____. *Syntax*: a functional-typological introduction. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.

HOPPER, Paul. On some principles in the grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Eds.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991. v. 1. p. 17-35.

KARAM, Lenara. *A variação entre o futuro do pretérito, o imperfeito e a perífrase com o verbo ir na fala do RS.* 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos.* São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LIMA-HERNANDES, Maria Célia Pereira. *A interface Sociolinguística/Gramaticalização*: estratificação de usos de tipo, feito, igual e como - sincronia e diacronia. 2005. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

NARO, Antony; BRAGA, Maria Luiza. A *interface s*ociolinguística/gramaticalização. *Gragoatá*, Niterói, n. 9, p. 125-134, 2001.

REICHENBACH, Hans. *Elements of symbolic logic*. New York: The MacMillan Company, 1947.

SILVA, Tereza Santos da. *A alternância entre o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito na fala de Florianópolis*. 1998. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

TAVARES, Maria Alice. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO*: estratificação/ variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. 2003. Tese (Doutorado em Linguística)

Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O discursivo no uso do pretérito imperfeito do indicativo no Português. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 12, p. 61-98, 1987.